

Um trabalho sobre sexualidade na escola pública 1

Carmen Silvia de Arruda Andaló*

RESUMO

O presente artigo relata um trabalho de *Educação Sexual* levado a efeito em um colégio da Rede Estadual de Ensino de Florianópolis (SC).

A prospecção alarmante de disseminação da AIDS e a alta incidência de gravidez precoce, impõem a necessidade urgente de intervenções de caráter preventivo, especialmente junto às classes populares.

Diante disso, a autora, que é supervisora do *Laboratório de Educação e Saúde Popular*, do curso de Psicologia da *Universidade Federal de Santa Catarina*, elaborou um projeto de *Educação Continuada*, que atingiu 211 alunos de quinta série do primeiro grau até terceiro colegial.

A metodologia utilizada foi a *pesquisa-ação* dentro da abordagem

* Psicóloga. Psicodramatista, Professora doutorada pela Universidade de São Paulo, Docente e Supervisora do *Laboratório de Educação e Saúde Popular* do Departamento de psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Recebido em 10.03.95

Aprovado em 26.03.95

socio-psicodramática, que permitiu levar em conta os aspectos afetivos e conativos, além dos cognitivos que são necessários, para tentar promover mudanças duradouras em um aspecto tão complexo do comportamento humano como é a Sexualidade.

Além do benefício obtido pelos próprios aluno, da escola, este projeto visa elaborar uma *sistemática de trabalho* sobre o tema, para ser implementado em outras escolas públicas.

INTRODUÇÃO

A *Educação Sexual* hoje, deixou de ser uma questão de domínio privado, passando à esfera pública. Se há alguns anos se podia questionar se ela deveria ou não ser ministrada pelas escolas, atualmente se tornou uma preocupação dos próprios governos, diante da ameaça que a infecção pelo vírus HIV representa.

A prospecção alarmante da Organização Mundial de Saúde (OMS/1990), de que 40 milhões de pessoas estarão infectadas pelos vírus HIV no ano 2000, evidencia o caráter fatal desta pandemia impõe a necessidade urgente de intervenções preventivas.

Jean-Claude Gillemard (1) sugere a *educação* como uma das formas de enfrentar o problema. Comenta também que os programas geralmente desenvolvidos são bem avaliados no que concerne ao nível de informação do público visado, mas pouco relatam a respeito das mudanças nas atitudes, nos hábitos e no relacionamento sexual. Isso é compreensível, pois se trata de um tema - tabu, historicamente vinculado a noções religiosas de pecado, a que pelo seu caráter particular e íntimo, dificilmente chega a ser relatado pelas pessoas.

Segundo o mesmo autor, o fracasso relativo das campanhas veiculadas principalmente pela mídia, induz a uma reflexão a respeito da resistência a estas mudanças de atitudes e de hábitos, sendo importante estudar, do ponto de vista psicológico, tal resistência.

Segundo Cavalcanti, não é por ausência de informação que o quadro epidêmico se desenvolve, mas “O que falta é uma atitude- (2). E entende “atitude”, conforme a acepção de Brown, como “... a disposição que um indivíduo tem para agir de forma favorável ou desfavorável em relação a um determinado objeto.” (3)

Acrescenta ainda que a atitude é formada através de três componentes: o cognitivo (pensar), o afetivo (sentir) e o conativo (agir), que atuam de acordo com o princípio dos vasos comunicantes, de tal forma que a vivência contribui para estruturar o pensamento e vice-versa.

Assim sendo, se se restringir os programas de prevenção apenas ao nível informativo, que é importante mas basicamente cognitivo, estes se mostrarão insuficientes para provocar mudanças duradouras nas atitudes e nas práticas sexuais. Isso se torna ainda mais agrave por se tratar de um setor diretamente ligado à afetividade e à impulsividade, que envolve a vida amorosa das pessoas, atingindo aspectos ligados à confiança, fidelidade e negociação em termos de prevenção.

O fato é que a disseminação da AIDS trouxe à tona questões de domínio privado e íntimo e, de certa forma, impôs a urgência de se discutir e investigar a respeito da sexualidade, desvelando este importante aspecto da vida humana. É possível, portanto, dimensionar quão difícil é provocar modificações neste tipo de comportamento e controlar os resultados de trabalhos feitos nessa área.

Tendo em vista toda essa problemática, foi elaborado o Projeto de Pesquisa, de que trata o presente artigo. Este se integra às atividades desenvolvidas pelo *Laboratório de Educação e Saúde Popular*, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

O referido Laboratório, procurando integrar Ensino, Pesquisa e Extensão, tem priorizado o atendimento de caráter preventivo e profilático a populações de baixa renda em instituições de caráter público (Escolas, Postos de Saúde, etc.). Constitui-se num esforço de integrar a universidade às necessidades e demandas da comunidade, e tem como objetivos principais: 1) Socializar o saber acumulado na área da Psicologia; 2) Repensar o conhecimento produzido à luz do contato com a realidade das classes populares; 3) Contribuir para a formação-de psicólogos mais comprometidos com os problemas da sociedade brasileira; 4) Estimular uma perspectiva interdisciplinar na abordagem dos problemas de natureza psicológica.

DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

Diante da urgência e da gravidade do problema anteriormente discutido, decidiu-se iniciar um trabalho sobre *sexualidade* junto a uma escola específica da Rede Estadual de Ensino de Florianópolis, com os seguintes *objetivos imediatos*: contribuir para a prevenção da AIDS e para a redução da incidência de gravidez precoce. A longo prazo, os *objetivos imediatos* eram: questionar junto aos adolescentes as posturas relativas à sexualidade, aos papéis sexuais, dando ênfase aos aspectos de promoção da saúde; elaborar uma sistemática de trabalho sobre sexualidade junto a escolas públicas.

1993

No segundo semestre deste ano foi realizada uma experiência-piloto de seis encontros junto a um colégio da Rede Estadual de Ensino de Florianópolis, com alunos de quinta série do primeiro grau até terceiro colegial. Tratava-se de um estudo exploratório que permitiu conhecer a realidade da instituição envolvida, investigar as principais dúvidas destes adolescentes sobre o tema Sexualidade e verificar a possibilidade de um projeto a longo prazo para o ano seguinte.

1994

O programa elaborado em 1993 foi desenvolvido sob a forma de *educação continuada*, levada a efeito com a frequência de uma vez por semana, em horário de uma hora-aula, cedido geralmente por duas professoras de Ciências, que participaram da experiência. A coordenação dos trabalhos ficou a cargo de duplas de estagiários de Psicologia, que realizaram 295 encontros, perfazendo uma média de 26 encontros por turma. Foram beneficiados 211 adolescentes (que chegaram até o final do ano), de 11 turmas de quinta série do primeiro grau até terceiro colegial. Destes, 114 eram do sexo feminino e 97 do sexo masculino.

O planejamento estabelecido ficou prejudicado em função de greves e paralisações com manifestações de protesto dos professores por melhores salários, que acarretaram na diminuição da carga horária das aulas. Isso impediu a execução completa do programa e dificultou a sedimentação de alguns dos bens desenvolvidos.

Foram trabalhados os seguintes tópicos:

1. Discussão sobre as diferenças entre sexo e sexualidade (mitos, crendices e tabus ligados à sexualidade).
2. Puberdade e adolescência.
3. Diferenças sexuais (aparelhos reprodutores feminino e masculino) e papéis sexuais (preconceitos e rótulos).
4. Namoro, masturbação, primeira transa, a relação sexual.
5. Fecundação e reprodução.
6. Gravidez e parto.
7. Métodos contraceptivos e planejamento familiar.
8. Doenças sexualmente transmissíveis, com ênfase especial na AIDS.

Necessitam ainda maior aprofundamento os dois últimos tópicos (7 e 8) a não houve tempo suficiente para tratar de outros temas como: A questão do prazer sexual (orgasmo feminino a masculino), Homossexualismo, Aspectos preventivos da saúde da mulher e do homem.

METODOLOGIA

A *Metodologia* utilizada foi a pesquisa-ação, dentro da *Abordagem socio-posicodramática*, desenvolvida por J. L. Moreno.

A opção por essa abordagem baseou-se na necessidade de considerar os aspectos afetivos a conativos da mudança das atitudes acima referida. Levando em como que tal mudança implica questionar posturas, crenças e preconceitos profundamente arraigados, foi que se adotou uma metodologia que completasse o estabelecimento de um vínculo de confiança entre os coordenadores dos encontros e os adolescentes que eram o alvo do mesmo.

Foram estabelecidas para a execução do programa dentro da perspectiva teórica escolhida, as seguintes *Diretrizes Básicas*:

1. O caráter obrigatório da atividade

Decidiu-se que o trabalho teria um caráter obrigatório e não voluntário, só se abrindo exceção para aqueles casos em que a família se opusesse à participação de seus filhos, o que aliás não ocorreu. Por esse motivo as atividades foram realizadas no horário de aulas (na sala de aula, na sala de video, no pátio, da biblioteca, etc.), como se fizesse parte do currículo. Desta forma pretendia-se atingir o maior número possível de adolescentes.

2. Partir do conhecimento, linguagem e motivação das turmas

Uma primeira preocupação foi a familiarização com a linguagem e gírias empregadas pelos alunos sobre o tema, com o objetivo de criar condições para estabelecer um clima de diálogo e uma relação pedagógica mais horizontal. Iniciava-se sempre o trabalho investigando o que conheciam e pensavam sobre o assunto a ser tratado, de forma a valorizar o seu saber e estimular a participação.

3. Priorizar trabalhos de natureza grupal

Procurou-se em cada turma, realizar um *mapeamento sociométrico do grupo*, de modo a conhecer e respeitar as configurações grupais (pares, trios, etc.) e os sub-grupos existentes, levando em como suas características.

Foram também realizadas *entrevistas individuais* com a maioria dos discentes. Estas se iniciaram como forma de fazer contato com os alunos mais difíceis de lidar nos encontros. Decidiu-se, no entanto, estender a todos essa iniciativa com o intuito de não promover a estigmatização destes educandos, em geral já discriminados dentro da escola. O outro objetivo

era aprofundar o vínculo estabelecido na sala de aula, levantar dados a respeito dos alunos, caracterizar mais precisamente as turmas e avaliar com eles, individualmente, o programa realizado.

4. A flexibilidade da programação

Em função do caráter grupal do trabalho, optou-se por uma *programação flexível*, que era discutida a cada encontro e que poderia ser modificada no momento de sua aplicação, em função do movimento e necessidades de cada turma. Nesta lista, respeitando o momento do grupo, foram discutidas questões relativas a outros temas como: relacionamento intragrupal (a importância do respeito mútuo, do diálogo), a necessidade da disciplina como organizadora da tarefa, a cooperação, conflitos na relação professor-direção alunos, participação nos conselhos de classe, etc.

5. Coordenação diretiva

A postura dos coordenadores, embora respeitasse os movimentos e necessidades dos grupos, não se caracterizou por uma conduta do tipo “laissez-faire”, que lhes permitisse fazer tudo o que quisessem”. Apesar da adoção de uma abordagem dialógica e compreensiva, os limites eram muito bem marcados e cobrados. Uma situação que exemplifica isso, ocorreu quando alguns alunos desenharam figuras humanas nuas, consideradas pornográficas pela escola, em muros e banheiros. Tal atitude foi alvo de conversas e discussões em sala de aula, oferecendo a oportunidade de marcação clara de limites.

6. Abordagem não moralista, nem particularizada

Durante todo o trabalho evitou-se emitir conceitos de ordem moral, do tipo “isso está certo ou errado”. A meta era transmitir as informações da forma mais científica possível, sem entrar em juízos de valor. Posições estereotipadas e preconceituosas que emergiam eram objeto de reflexões e discussões grupais.

Acordou-se, outrossim, que não seriam abordadas questões de ordem pessoal dos alunos, nem dos coordenadores, com o objetivo de preservar o sigilo e a particularidade de cada um. Estabeleceu-se, entretanto, horários de plantão dos estagiários para atendimento individuais extra-classe, destinados àqueles que quisessem discutir, em âmbito mais protegido, suas dúvidas e ansiedades a respeito do tema ou outros assuntos de ordem pessoal.

7. Co-Educação

Apesar de pressões por certos elementos da equipe técnica e de algumas alunas, optou-se por trabalhar meninos e meninas juntos. Em função de necessidades da própria atividade foram feitas algumas experiências de repartir as turmas e, neste caso, a divisão espontaneamente ocorreu pelo critério sexo.

8. *Abordagem da sexualidade no seu desenvolvimento “normal”*

Procurou-se focalizar a sexualidade como aspecto fundamental da personalidade, que envolve as relações consigo mesmo, com seu próprio corpo e com o mundo, enfatizando sua contribuição para a humanização do homem. Nesse sentido, abordou-se apenas o desenvolvimento “normal” da sexualidade, evitando discussões a respeito de desvios, anomalias ou conotações de caráter pornográfico, que às vezes eram solicitados pelos alunos.

9. *A elaboração de uma sistemática de trabalho*

Com relação à elaboração de uma *sistemática* para trabalhar o tema *sexualidade* em escolas públicas, observou-se:

9.1 - *Junto* as turmas de quintas, sextas e até sétimas séries, foi necessário realizar atividades mais movimentadas e mais curtas como jogos, vídeos, dramatizações, gincanas, etc., e reproduzir o número de aulas expositivas e discussões sobre temas. Isso ocorre em função da instabilidade de atenção típica desta idade, da experiência pela falta de uma vida sexual ativa, da ansiedade de trabalhar um tema do qual não se costuma falar abertamente, bem como da ausência do hábito, dentro da escola, de trabalhar em grupo.

9.2 - De oitava série em diante ampliou-se a frequência de aulas expositivas dialogadas e discussões.

9.3 - Foram criados inúmeros jogos para verificar a sociometria grupal e para realizar as tarefas propostas, bem como formas de avaliação da apropriação dos conteúdos de forma prática como: gincanas, competições, dramatizações, jogos dramáticos, completar estórias, responder cards pedindo informações sobre sexualidade, entre outras.

RESULTADOS PARCIAIS

1. Foi constatado um grande desconhecimento inicial sobre o tema Sexualidade por parte dos discentes da escola trabalhada, o que melhorou sensivelmente ao longo do ano letivo. Este dado desconfirma, pelo menos no que diz respeito a esse tipo de clientela, oriunda basicamente das classes populares, a declaração de Cavalcanti, de que “o problema não seria a falta de informação.

2. A curto prazo é impossível verificar o efeito da ação realizada, pois como já foi dito anteriormente, implica a modificação de atitudes, postura e hábitos profundamente arraigados. Embora se tenha conseguido trabalhar não só aspectos cognitivos, mas muitos aspectos afetivos, em virtude do clima de aceitação e entusiasmo que foi criado, não há como avaliar se isso modificou ou modificará suas ações com relação a sexualidade.

Por outro lado, é problemático saber os resultados no que diz respeito à prevenção da AIDS, dado o longo período de incubação desta doença, além de ser também difícil obter informações sobre comportamentos ligados à sexualidade, por se tratar de uma questão muito particular e íntima.

Houve, entretanto, depoimentos individuais feitos espontaneamente aos estagiários por alguns alunos, a respeito de mudanças no seu comportamento sexual. Foi também constatado por uma professora, “um aumento da quantidade de noivados e a diminuição do número de alunas que engravidam e fogem para se casar”, prática que parece ser usual entre os jovens desta escola. Pretende-se para o próximo ano controlar esse aspecto, bem como verificar junto ao Centro de Saúde, se há diminuição no número de adolescentes grávidas que freqüentam esta instituição, bem como se há aumento da procura pelos serviços de ginecologia.

3. Um efeito deste trabalho, relatado pela direção da escola foi a diminuição sensível do alto nível de agressividade anteriormente existente entre os educandos. Isso pode ter acontecido por várias razões, tais como: 1) a possibilidade inusitada de estarem tendo um espaço para abordar um tema “proibido” que, de altamente motivador, é, nesta faixa etária, gerador de dúvidas, angústias e ansiedades; 2) a adoção de uma programação, que não só permitia, como estimulava a participação ativa dos discentes, o que é uma prática pouco comum nas escolas públicas, onde os professores estabelecem geralmente relações verticais e pouco dialógicas em classe; 3) a oportunidade de discutir aspectos do relacionamento dos alunos entre si e com os professores, também podem ter contribuído para diminuir o nível de tensão que normalmente fica latente e pouco explicitado.

4. Verificou-se aumento da liberdade para tratar do tema sexualidade através da diminuição do uso da “Caixa de Segredos” pelos alunos. Esta consistia numa caixa colocada em cada turma, com o objetivo de que os alunos pudessem apresentar questões ou dúvidas sem serem identificados. Ela era bastante utilizada no início do programa, quando os mesmos, se mostravam constrangidos de expor, diante de colegas, suas curiosidades e dúvidas sobre o tema.

5. *Avaliação da instituição.* Após uma avaliação sobre os resultados deste trabalho feita, junto à direção, equipe técnica e corpo docente desta escola, houve solicitação da sua manutenção para o próximo ano letivo. Foi levada a efeito, junta aos alunos essa mesma avaliação, tendo havido inúmeras manifestações no sentido da continuidade deste programa.

6. *Produção científica.* Este trabalho já produziu 2 vídeos:

- O primeiro, intitulado “Ça c’est mon pays”/“Este é meu país”, foi produzido em colaboração com o *Projeto Larus (UFSC)*, por dois alunos do curso da Jornalismo da UFSC: Maria Alice Baggio e Fábio Barreto Fava, especialmente para ser apresentado em dois *Congressos Internacionais*

- O segundo, intitulado “Um jeito legal de viver!”, foi produzido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da aluna Maria Alice Baggio, do curso de *Jornalismo* da UFSC, para ser usado no programa de sexualidade junto a várias instituições, além das escolas públicas.

Tem-se a intenção também de produzir outro(s) vídeo(s), aproveitando o material gravado em entrevista com alunos desta instituição a de uma outra, do mesmo bairro, sobre o tema sexualidade e sobre o programa desenvolvido neste ano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível proceder-se a uma avaliação rigorosa e objetiva dos resultados do trabalho efetuado, por se tratar de um comportamento privado, íntimo, pouco relatado pela maioria das pessoas. Além disso, está ligado a atitudes, velhos hábitos, crenças e até mesmo preconceitos, construídos social e historicamente, o que o torna altamente resistente a mudanças.

Tais dificuldades, entretanto, diante do quadro alarmante de disseminação da AIDS, não deve deter quaisquer tentativas de prevenção. Se se considerar que a perspectiva da epidemia é mais grave em países subdesenvolvidos e que a possibilidade de infecção é tanto maior quanto mais baixo o nível econômico, social e cultural dos grupos envolvidos, considera-se que iniciativas como a que está sendo realizada neste projeto, se tornam importantes, devendo inclusive serem ampliadas e assumidas pelos órgãos públicos responsáveis pela saúde e pela educação.

A riqueza do material colhido neste trabalho, evidentemente, não pode ser contemplada no âmbito deste breve texto. Está em elaboração uma série de artigos para serem publicados em revistas com o objetivo de divulgar e expandir essa experiência, de forma mais detalhada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GILLEMARD, J. C.: “La prévention du S.L.D.A. à l'école”. Anais do I Congresso Nacional de Psicologia Escolar. Abrapee/Puccamp, Ed. Átomo, 1992. p. 57-60.
2. CAVALCANTI, R. C.: “Educação Sexual no Brasil e na América Latina”. Rev. Bras. de Sexualidade Humana, vol. 4, número 2, 1993. p. 164-173.
3. CAVALCANTI, R. C.: Idem, p. 166.